



A VISÃO DO PODER SIMBÓLICO NA EDUCAÇÃO BANCÁRIA: UM DIALOGO ENTRE PIERRE BOURDIEU E PAULO FREIRE

DOI: 10.5281/zenodo.15239128

Wilker Denis Silva Martins¹
Victor Pollansky varela de Lima²
Maria Rosilene de Almeida Oliveira³
Maria de Lurdes Fernandes Pereira⁴
Maria de Fátima Varela⁵
Dominique Lemos de Melo⁶
Maria José da Silva⁷
Dilma Gomes Ferreira⁸
Régis Flávio Varela de Oliveira⁹

RESUMO: O presente artigo é uma pesquisa bibliográfica que tem como finalidade apresentar as representações de poder simbólico segundo Pierre Bourdieu na estrutura da educação, em destaque para a educação bancária de Paulo Freire, objetivando trazer a luz os elementos simbólicos detentores de poder que regem a forma do ensino clássico na formação do sujeito desde os anos iniciais até os anos finais. O material selecionado para o levantamento desse artigo é um apanhado que tem como base o capítulo 1 da obra “O poder simbólico” do sociólogo Pierre Bourdieu e o conceito retirado da obra “Pedagogia do oprimido” de Paulo Freire correlacionando as obras para uma interação entre as linhas de raciocínio dos autores, demonstrando que na estrutura clássica de educação o sujeito se torna refém ao assujeitamento de conteúdos que são forçados a serem mediados da mesma forma. Limitando pensamentos e capacidades de explorar novas maneiras de se produzir conhecimentos e posteriormente produzir seres pensantes.

Palavras-chave: Poder simbólico; Educação Bancária; Revisão bibliográfica.

ABSTRACT: This article is a bibliographical research that aims to present the representations of symbolic power according to Pierre Bourdieu in the structure of education, with emphasis on Paulo Freire's banking education, aiming to shed light on the symbolic elements that hold power and govern the form of classical education in the formation of the subject from the initial years to the final years. The material selected for the survey of this article is a summary based on chapter 1 of the work "Symbolic Power" by sociologist Pierre Bourdieu and the concept taken from the work "Pedagogy of the Oppressed" by Paulo Freire, correlating the works for an interaction between the lines of reasoning of the authors, demonstrating that in the classical structure of education the subject becomes hostage to the subjection of contents that are forced to be mediated in the same way. Limiting thoughts and capacities to explore new ways of producing knowledge and subsequently producing thinking beings.

Keywords: Symbolic power; Banking Education; Bibliographic review.

¹ Mestrando (a) em Ciências da Educação World University Ecumenical-WUE Flórida/EUA. Wilkermpsi@gmail.com

² Mestrando (a) em Ciências da Educação World University Ecumenical-WUE Flórida/EUA. Victor_pollansky@hotmail.com

³ Mestrando (a) em Ciências da Educação World University Ecumenical-WUE Flórida/EUA. gronlenapedro@gmail.com

⁴ Mestrando (a) em Ciências da Educação World University Ecumenical-WUE Flórida/EUA. vitoriachiberio@gmail.com

⁵ Mestrando (a) em Ciências da Educação World University Ecumenical - WUE Flórida/EUA. E-mail fatinhavarela6@gmail.com

⁶ Mestrando (a) em Ciências da Educação World University Ecumenical -WUE Flórida/EUA. E-mail domilemos015@hotmail.com

⁷ Mestrando (a) em Ciências da Educação World University Ecumenical -WUE Flórida/EUA. E-mail mariajose92469@gmail.com

⁸ Mestrando (a) em Ciências da Educação World University Ecumenical -WUE Flórida/EUA. E-mail dilmasouza456@gmail.com

⁹ Orientador Pós Doc. World University Ecumenical- WUE regisflaviovareladeoliveira@gmail.com



INTRODUÇÃO

A instituição escola é um dos primeiros ambientes em que o ser humano se depara com processos de socialização, hierarquização e construções de autoridade. Ao pensar em uma rotina de sala de aula, nossas memórias frequentemente nos levam a uma sala com cadeiras enfileiradas, uma mesa na frente com um quadro exibindo notas sobre o que será abordado, e alunos passando um tempo sentados, tomando notas, com intervalos para socialização, e então retornando para terminar a agenda para que o processo possa se repetir no dia seguinte. Essa estrutura carrega conceitos simbólicos que guiam nossas normas educacionais em direção à padronização de ideias.

De uma análise freiriana, podemos extrair dessa rotina a relação entre educador e aprendiz. Aqui, o educador constrói o papel da figura conhecedora, a classe dominante narrando a informação a ser transmitida, enquanto o aprendiz assume o papel subordinado de reunir essa informação. Isso ecoa a adaptação de Bourdieu (1989) do conceito de imigração de ideias de Marx, que discute a separação da produção cultural e dos sistemas de referência teórica.

Temos como Objetivos: Relacionar O Poder Simbólico de Bourdieu com os conceitos de Paulo Freire. Expor a violência simbólica dentro da estrutura da educação bancária. Questionar os impactos da violência simbólica no processo educacional e na formação de hierarquias de classe.

Essa interação de teorias de Bourdieu e Freire revela como as rotinas educacionais podem perpetuar dinâmicas de poder por meio da violência simbólica, influenciando não apenas o aprendizado, mas também a reprodução social e cultural em ambientes educacionais.

1. COMPREENDENDO O PODER SIMBÓLICO DE BOURDIEU

O Poder Simbólico de Pierre Bourdieu é uma obra fundamental na sociologia, onde o autor explora como o poder simbólico é utilizado na sociedade para legitimar e reproduzir relações de dominação. Bourdieu argumenta que o poder simbólico se manifesta de maneira invisível e muitas vezes são aceito como legítimo pelas próprias pessoas que são subordinadas por ele.



Para melhor elucidar apresentaremos os principais conceitos de Pierre Bourdieu de uma visão macro a micro, para melhor compreensão do leitor; pois falar sobre O Poder Simbólico do mesmo requer deixarmos nossos conceitos de lado e adentrar em uma reflexão crítica sobre as mesmas.

O Campo Simbólico apresentado por Bourdieu é um espaços sociais relativamente autônomos, onde ocorrem lutas simbólicas por posições de poder. Cada campo possui suas próprias regras e formas de capital (econômico, social, cultural e simbólico). Bourdieu (1989, p. 13).

Bourdieu nos leva a questionar como grupos se estabelecem em determinados lugares estabelecendo complexas estruturas, criando assim uma rede de dominação e poder; poder esse que é visto por muitos como identidade que por sua vez não foi nem questionada; e sim tida como verdades absolutas, pois foi estabelecida por um grupo ou indivíduo dominante que se perpetua sobre o Campo – Território – Lugar em todas as suas esferas.

Ao se estabelecer estruturas de poder como campo simbólico, o mesmo se torna uma forma de poder sendo este o Capital Simbólico que consolida e se reconhece como legítima, com prestígio, honra ou autoridade. O capital simbólico é crucial para a manutenção das relações de poder porque disfarça as relações de força subjacentes. Bourdieu (1989, p. 15).

Podemos aqui levantar questão como. Quem estabeleceu o valor dos salários? Quem estabeleceu a carga horária de trabalho? Porque certas profissões tem mais credibilidade que outras? Porque as Leis tem mais rigidez sobre os periféricos? . Esses questionamentos são poucos perto de todos os questionamentos que o Bourdieu ao nos fazer refletir sobre O capital simbólico, e como nós mesmo os colocamos onde eles estão sem nem se dar conta que a grande massa não é chama para dialogar, propor ou opinar sobre o que se estabelece; sendo assim apresentando modelos prontos a serem seguidos.

Violência simbólica é um conceito cunhado pelo sociólogo Pierre Bourdieu para descrever como os sistemas de dominação se tornam normalizados e aceitos como legítimos tanto pelos dominadores quanto pelos dominados; essas relações são processo pelo qual as relações de dominação são naturalizadas e aceitas como legítimas, mesmo pelas próprias pessoas que são dominadas. Essa forma de violência é sutil e frequentemente invisível. Bourdieu (1989, p. 11).

Devemos aqui compreender que a violência simbólica opera sutilmente, muitas vezes despercebida, por meio de interações sociais cotidianas, normas e representações culturais.



Imagine uma situação em que certos grupos ou indivíduos consistentemente detêm poder sobre outros. Com o tempo, essa dinâmica de poder se torna tão arraigada na sociedade que parece natural e inquestionável, mesmo para aqueles que são oprimidos por ela.

Essa forma de violência perpetua a desigualdade ao moldar as percepções, valores e comportamentos das pessoas de maneira que mantêm as estruturas de poder existentes sem coerção aberta. É como uma força silenciosa que mantém o status quo ao fazer as pessoas acreditarem que a maneira como as coisas são é como deveriam ser, reforçando assim as hierarquias sociais e a marginalização sem atos abertamente agressivos.

Portanto Bourdieu nos leva a refletir sobre:

À tradição neo-kantiana (Humboldt-Cassirer ou, na variante americana, Sapir-Wfrhorf para a linguagem) trata os diferentes universos simbólicos, miro, Língua, arte, ciência, como instrumentos de conhecimento e de instrução do mundo [...]. (1989, p. 11).

As normativas estabelecem os “Habitus” Sistema de disposições constantes e duradouras, um conjunto de esquemas geradores que orientam as percepções dentro de sistemas estabelecidos no cotidiano e respetivo, que se estabelecem nos pensamentos e nas ações dos indivíduos. É através dos hábitos que os agentes sociais internalizam as estruturas sociais e culturais.

O Poder Simbólico oferece uma perspectiva crítica sobre como as relações de poder são mantidas e naturalizadas na sociedade. A obra é crucial para entender as sutilezas da dominação social e cultural e como estas influenciam as estruturas sociais. Bourdieu nos desafia a reconhecer e questionar as formas invisíveis de poder que moldam nossas vidas cotidianas.

2. A VIOLÊNCIA SIMBÓLICA DENTRO DA ESTRUTURA DA EDUCAÇÃO BANCÁRIA

Compreende-se que a violência simbólica, termo utilizado por Pierre Bourdieu(1989) para descrever o poder simbólico, que acompanha, influencia e molda as estruturas dos sistemas sociais segundo os interesses dominantes. De acordo com Bourdier (1989) a Legitimação da Dominação, se dá justamente pela forma como as elites Culturais o utiliza para legitimar sua posição, universalizando seus gostos e preferências. As instituições socias



por sua vez, como a família e a escola, são fortemente influenciadas e levadas à reprodução do habitus.

Na concepção tradicional de ensino, chamada por Paulo Freire de “educação bancária”, o autor destaca as relações educador-educandos, como narradoras e dissertadoras, e estas assumem um papel importante, tanto na escola como fora dela. Essas narrações ou dissertações ocorrem justamente na realidade em que os sujeitos (os educadores) narram, e os objetos pacientes (os educandos) ouvem. Nesse sentido, o ensino se dá por meio de uma relação morta, ou seja, sem a participação ativa dos educandos. Na Educação bancária, os educandos são considerados verdadeiros depósitos de conteúdos; cuja ênfase é a narração, com muitos recortes e pouca significação.

Para Freire (1987, p. 38):

“Falar da realidade como algo parado, estático, compartimentado e bem comportado, quando não falar ou dissertar sobre algo completamente alheio à experiência existencial dos educandos vem sendo, realmente, a suprema inquietação desta educação”. [...] “Nela, o educador aparece como seu indiscutível agente, como o seu real sujeito, cuja tarefa indeclinável é “encher” os educandos dos conteúdos de sua narração. Conteúdos que são retalhos da realidade desconectados da totalidade em que se engendram e em cuja visão ganhariam significação. A palavra, nestas dissertações, se esvazia da dimensão concreta que devia ter ou se transforma em palavra oca, em verbosidade alienada e alienante. Daí que seja mais som que significação e, assim, melhor seria não dizê-la.

De acordo com esses pressupostos, entende-se que, o resultado dessa ausência de conexão e contextualização resulta na verbosidade alienante, na memorização mecânica, onde os autores do processo de ensino são tidos como depositários e depositantes; daí o termo educação bancária, “um ato de depositar”. Na educação bancária, os educandos são meramente receptores, depósitos de conhecimentos, não se cria possibilidades de transformação do pensamento, nem tão pouco, de participação social; pois a prática bancária enfatiza, a percepção ingênua ou mágica da realidade, e esta parece para os homens, fatal e intransponível.

Mas como então reconhecer a violência simbólica dentro da educação bancária?! Com base nos pressupostos de Freire (1987), nessa concepção de ensino, o sujeito da educação é impossibilitado de fazer uma leitura de mundo em sua completude, cujas ideias “centrais” partem de um educador autoritário, e bancário. O autor chama atenção para a necessidade de superação do intelectualismo alienante e a falsa consciência de mundo.



Freire (1987, p. 43) é enfático ao afirmar:

qualquer que seja a situação em que alguns homens proíbam aos outros que sejam sujeitos de sua busca, se instaura como situação violenta. Na educação bancária, os meios utilizados tiram do homem, o poder de decisões, de troca de experiências.

Freire (1987) considera de fato como violência, quando os sujeitos são inseridos, mas não participam dos movimentos, da realidade histórica. A tomada de consciência da realidade como algo parado, estático, compartimentado, completamente alheio à experiência existencial dos educandos é segundo o autor, a principal inquietação da educação bancária, e como afirma Freire (1987, p. 37) “... a concepção “bancária” da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los.”

3. OS IMPACTOS DA VIOLÊNCIA SIMBÓLICA NO PROCESSO EDUCACIONAL E NA FORMAÇÃO DE HIERARQUIAS DE CLASSE

Sabe-se que as configurações espaciais, se dão por meio das relações de poderes, relativamente autônomos, que se reorganizam segundo as forças predominantemente, capitalistas. A partir dessa organização das lutas simbólicas, é que se instaura a violência simbólica, cujos grupos com suas regras e formas, reafirmam o poder simbólico, na própria sistematização econômica, social e cultural.

Vale salientar, que um dos principais impactos da violência simbólica no processo educacional e na formação de hierarquias de classe, é sem dúvida a predominância do poder dominante. A violência simbólica a qual os homens são acometidos, estando fora da práxis, os impedem de serem e transformarem a sociedade. os homens não podem ser. Numa visão destorcida da educação, ancorada a visão bancária, concepção freiriana dos sistemas de ensino, Freire (1987, p. 38), afirma: “...não há criatividade, não há transformação, não há saber. Com base nesses pressupostos, entende-se que, estando os sujeitos da educação a mercê da “alienação da ignorância”, continuaram imóveis, fora dos processos de busca, são meros instrumentos de ideologias opressoras. Nesse sentido, Freire (1987, p. 38) é claro: “... Só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros.



Assim sendo, a arquivagem dos homens nos processos educacionais, resulta na determinação dos campos sob a égide do capital, sob influências eminentes do poder simbólico.

4. METODOLOGIA

Esta é uma pesquisa de cunho bibliográfico com abordagem qualitativa por ter como percurso metodológico o estudo de materiais já publicados sobre o tema, tanto por meio escrito ou eletrônico, como livros, artigos, resenhas, entre outros. Destacou-se as citações mais coerentes e adequadas ao propósito em estudo nesta pesquisa, que é fazer uma análise e alguns apontamentos, a partir dos olhares de Bourdieu, dentro da perspectiva da educação bancária” de Paulo Freire.

De acordo com Gil (2002), a leitura, análise e interpretação de múltiplos materiais impressos, dentre os quais podemos destacar: os “livros” que constituem as fontes bibliográficas por excelência, cujos livros utilizados para essa análise, mais precisamente, o capítulo 1 da obra de Bourdieu (O poder simbólico) e do capítulo 2 da obra de Paulo Freire (Pedagogia do Oprimido)

Sobre o caráter bibliográfico de uma pesquisa, explica Gil (2002):

[...] é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Boa parte dos estudos exploratórios pode ser definida como pesquisas bibliográficas. As pesquisas sobre ideologias, bem como aquelas que se propõem a uma análise das diversas posições acerca de um problema, também costumam ser desenvolvidas quase exclusivamente mediante fontes bibliográficas. (GIL, 2002, p. 44).

Ela é desenvolvida com base em material pré-existente, principalmente livros e artigos científicos. Embora a maioria dos estudos exija alguma forma desse tipo de trabalho, há projetos de pesquisa baseados exclusivamente em fontes bibliográficas. Uma parcela significativa de estudos exploratórios pode ser categorizada como revisões de literatura. Pesquisas sobre ideologias, bem como análises de várias perspectivas sobre um problema, muitas vezes dependem quase inteiramente de fontes bibliográficas, apresentadas em uma linguagem direta e acessível.

Portanto a comunicação proposta através do poder simbólico, define, além das interações, bases ideológicas de comportamentos e conhecimentos que são ferramentas no



processo de aprendizagem. Através do repasse de informações, se constrói no sujeito pensante, conceitos definidos que Bourdieu (1989 p. 9) apresenta como “... construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem gnoseológica: o sentido imediato do mundo”.

Nesse processo se constrói o que conhecemos como processo educacional, Freire (1987 p. 39) utiliza esse repasse de informações no ato de educar. “Os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo. Mediatizados pelos objetos cognoscíveis que, na prática “bancária”, são possuídos pelo educador que os descreve ou os deposita nos educandos passivos”.

É na instituição escola que o sujeito pensante começa a observar símbolos de poder para além do seu núcleo familiar, que o educador possui um papel de conhecimento maior, portanto o regente do conhecimento e o educando como corpo receptáculo desse conhecimento. Levando essa estrutura de autoridade e subordinação para outros contextos da vida do sujeito.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conforme as análises e discursões, a concepção “bancária” de Paulo Freire, a qual correlacionamos ao Poder Simbólico de Pierre Bourdieu, consiste no ato de depositar, de transferir, de transmitir valores e conhecimentos. Esse modelo de educação é reflexo de uma sociedade opressora, que preza pela “cultura do silêncio”, estimulando assim, uma satisfação aparente. Dai, então, é válido destacar, que é justamente, nos ajustamentos alinhados ao poder simbólico, que a violência simbólica fecunda as determinações dos sujeitos: o educador, sujeito do processo; os educandos, meros objetos, e assim os saberes vão sendo perpetuados, através de experiências narradas ou transmitidas.

Conforme Freire (1987, 38):

O educador se põe frente aos educandos como sua antinomia necessária. Reconhece, na absolutização da ignorância daqueles a razão de sua existência. Os educandos, alienados, por sua vez, à maneira do escravo na dialética hegeliana, reconhecem em sua ignorância a razão da existência do educador, mas não chegam, nem sequer ao modo do escravo naquela dialética, a descobrir-se educadores do educador.

A visão “bancária” da educação, em si, deve ser considerada uma violência simbólica, uma vez que, os homens são vistos como seres da adaptação, anulando assim, o poder de



transformação dos educandos; sendo que, o poder que ganha destaque nessa “perspectiva de dominação” é o poder simbólico, que invade os espaços não críticos, mais precisamente, a consciência humana e sujeita, vestido de generosidade aniquilando qualquer tentativa de educação estimulante, isto sim, é uma violência simbólica! Nesse sentido, Freire (1987, p. 39), deixa claro a concepção da prática bancária, “... é transformar a mentalidade dos oprimidos e não a situação que os oprime”.

Assim sendo, mediante desta análise das relações de poder, compreende-se, que, a realidade social, objetiva, não existe nem se transforma por acaso, e que os homens mesmo na condição de produtores desta realidade, as “práxis invasoras” se voltam sobre eles, e os condiciona.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando pensamos em uma rotina típica de sala de aula, nossas memórias frequentemente nos levam a uma sala com fileiras de cadeiras, uma mesa na frente e alunos tomando notas, com intervalos para socializar e depois retornar para terminar a agenda do dia. Essa estrutura carrega conceitos simbólicos que orientam nossas normas educacionais em direção à padronização de ideias. De uma perspectiva freireana, essa rotina reflete a relação entre educador e aluno, onde o educador, como figura dominante, narra informações para alunos passivos, ecoando a adaptação de Bourdieu do conceito de Marx de migração de ideias, discutindo a separação da produção cultural e dos sistemas de referência teórica. Ao combinar as teorias de Bourdieu e Freire, vemos como as rotinas educacionais podem perpetuar dinâmicas de poder por meio da violência simbólica, afetando não apenas o aprendizado, mas também a reprodução social e cultural em ambientes educacionais.

"The Symbolic Power" de Pierre Bourdieu explora como o poder simbólico legitima e reproduz relações de dominação na sociedade. Conceitos-chave incluem o campo simbólico, capital simbólico e violência simbólica. A violência simbólica, evidente no conceito de "educação bancária" de Paulo Freire, mostra como os métodos tradicionais de ensino reforçam a autoridade do educador e a subordinação do aluno, refletindo hierarquias sociais mais amplas e perpetuando a violência simbólica. Isso leva à recepção passiva do conhecimento, limitando o pensamento crítico e a participação ativa. Freire defende uma abordagem transformadora e participativa à educação, desafiando o status quo e fomentando a criatividade. Reconhecer e questionar as formas sutis de poder na educação é crucial para



promover uma sociedade mais justa e inclusiva, onde a educação serve como um meio de empoderamento em vez de opressão.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 4a. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**, 17ª. Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

GIL, . C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

MARX, Karl. **O Capital**, crítica da economia política. Livro Primeiro, Vol. II. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software <http://www.foxitsoftware.com> For evaluation only.